

DO POSSIBILISMO LEIBNIZIANO *

Jean-Marc Gabaude

Universidade de Toulouse-le Mirail

1. DEFINIÇÕES PRELIMINARES

A **contingência** é ausência de **necessidade lógica** ou metafísica — que implica pluralidade de possíveis — compatível com uma **necessidade moral**.

O acaso seria ausência de qualquer necessidade — quer moral, quer lógica — de quaisquer leis, ordem, com possibilidade, razão de prevalência. Ora, tudo isso é impossível, tanto moral quanto metafísica e logicamente.

O necessário e o possível lógico são **modalidades lógico-ontológicas** definidas relativamente à contradição que tem, igualmente, valor lógico-ontológico. O necessário é aquilo cujo oposto implica em contradição e o possível é aquilo que não implica em contradição e do qual o oposto não implica, ademais, contradição. Donde uma metafísica da **ordem** lógico-ontológica, que absolutiza e formaliza anticartesianamente a ordem cartesiana.

As verdades da razão são verdades cuja negação revela-se contraditória ou cujo contrário é impossível e inconcebível. São necessárias — inclusive para Deus —, imediatas, eternas, universais, no sentido mais forte de que valem para todos os mundos possíveis.

As verdades de fato ou da experiência, como, por exemplo, as leis elementares da mecânica, são verdades contingentes cuja análise tende ao infinito e é inacabada. É verdade que Deus, uma vez que se encontra fora do tempo, pode instituí-las direta, imediata, intemporal, globalmente.

2. INCOMPOSSIBILIDADE

Deus sendo inteiramente ordem/ordenador, a desordem é radicalmente negada e reprimida originariamente. As possibilidades

(*) Tradução de Constança Marcondes Cesar.

incriadas, que se interrefletem, situam-se eternamente em mundos igualmente compostíveis, mundos hierarquizados entre si.

Existe **incompossibilidade**, ao mesmo tempo, dos mundos entre si e das noções constitutivas de cada um desses mundos possíveis, face às noções possíveis de todos os outros mundos possíveis; incompossibilidade, ao mesmo tempo, quanto à compatibilidade das essências e quanto à pretensão à existência. A incompossibilidade é relativa à infinidade dos possíveis que pretendem existir. Não existe incompossibilidade em si, mas incompossibilidade em relação a outros possíveis, em relação à compostibilidade e em relação à comum reivindicação de existir.

3. INEXISTENCIABILIDADE

No Entendimento divino, subsistem eternamente ao lado do melhor dos mundos, o mais rico em ser, o único que foi efetivamente **existencializado** por decreto divino, uma infinidade de mundos possíveis de compostíveis. Esses mundos seriam **existencializáveis** metafisicamente, mas não o são moralmente. Nunca existem, e esse presente tem um alcance eterno. Porque são, todos eles, mais ou menos inferiores ao mundo escolhido, ao mundo do ápice da pirâmide. Somente este mundo que, no seu conjunto, é o melhor dos mundos possíveis, é existencializado com todas as noções que o constituem. Todos os outros possíveis são inconciliáveis com o nosso mundo existencializado e não podem nunca transpor a barreira que separa a possibilidade da existência.

Para Deus, arquiteto e ordenador, um único mundo — isto é, uma única série de compostíveis — enquanto único, pode existir. O conjunto das noções existencializadas em substâncias e, de modo geral, todo o conjunto de compostíveis, totalizam-se em sistemas, isto é, em mundos. Deus não pode moralmente escolher, ou, dito de outro modo, só escolhe sem se negar, um único mundo e este mundo em sua integridade. Porque é enquanto totalidade que este mundo é o melhor e não detalhável em fragmentos. Do mesmo modo, sua plenitude não pode ser duplicada.

4. ORDEM

Com efeito, no plano da existência, duas ou muitas ordens de compostíveis, isto é, dois ou mais mundos, são uma ficção impossível, inconcebível, absurda, o cúmulo da desordem. Ora, para Leibniz e para seu

Deus, a desordem é impensável e irrepresentável. No Entendimento divino, não há desordem possível, mas uma **hiperordem** real. Real, porque existe uma realidade de possíveis, distinta da realidade existencial; **hiperordem**, porque todos esses mundos possíveis de compostíveis, incompatíveis entre si na sua constituição e na sua comum exigência de **existencialização**, só subsistem e co-subsistem, no único e mesmo Entendimento divino.

Este lugar dos mundos possíveis de compostíveis mas impossíveis entre si; de noções compostíveis mas também de noções impossíveis — parece pois fazer o papel de **quase-compossibilitação dos impossíveis**. Ordem antes de mais nada; nenhuma anarquia, limitação da luta pela existência ! Estamos numa racionalidade da ordem do infinito, mas em circuito fechado. Racionalidade do fechamento, encerramento da racionalidade. Primado racional e razoável da ordem, nos três sentidos do termo: ordem como injunção (divina), como forma ideal, como organização.

De que serviria calcular uma ordem superior, levantando todo um jogo de combinações das combinações, se não for para formar uma espécie de geografia das essências, na qual os mundos possíveis e seus conteúdos impossíveis se distribuem hierarquicamente ? Esses mundos dispõem-se eternamente segundo sua quantidade e qualidade essencial, classificadas segundo uma gradação, de graus infinitamente aproximados. Uma ordem grandiosa e infinita.

5. UNIDADE DE TODA POSSIBILITAÇÃO AO INFINITO

Os impossíveis, isto é, os possíveis de mundos diferentes, são todos possíveis no seio de um mesmo e único Entendimento divino, pela mediação de seus mundos que, embora sejam impossíveis em sua rivalidade, nem por isso subsistem menos no mesmo Lugar divino. Assim, os diversos mundos possíveis, embora exista impossibilidade entre eles e entre as noções de cada um deles face às noções de todos os outros, formam como que um conjunto infinito e encerram o mesmo núcleo de verdades de fato, regionais, quer dizer, **intramundanas**. Existem verdades da razão que regem todos os mundos possíveis. O racionalismo não é limitado pela impossibilidade: tendência panlogista.

A unidade de classificação dos mundos só admite **infinidade** “pela base”, não “pelo alto”: unidade de certo modo assimétrica em virtude do princípio do melhor, isto é, em virtude da Vontade divina que é perfeita. Na classificação dos mundos numa ordem insensivelmente decrescente, se for mesmo necessário que exista um mundo

existencializável, isto é, o melhor, não poderia ter em si um último termo e o decréscimo prosseguiria sem fim. Contudo, não tem Deus uma visão cointuitiva e sinótica dessa falta de fundo da pirâmide? Embora não exista ponto final na possibilitação, Deus abraça a **hipertotalidade** dos possíveis e os considera, seriando-os ao infinito, eternamente, em mundos possíveis distintos, independentes, impossíveis — embora se expressem, se entrecorrespondam e se complementarizem. Aparentemente, a infinidade dos impossíveis parece **intotalizável** em virtude de sua possibilitação/impossibilitação que é sem fim. Mas, na verdade, o Entendimento divino é totalizável e Deus abraça tudo sinoticamente sem dever — nem querer, nem poder — fazer o detalhe.

6. INTEREXPRESSIMISMO

A analogia constitui os possíveis porque constitui os compostíveis; é monádica, porque é monadológica. Cada uma das substâncias, cada um dos possíveis expressam uma expressão porque se interexpressim, porque são interexpressão. Toda unidade é unificação de uma multiplicidade. Unidade, identidade e univocidade do ser implicam a analogia constituinte. Quer dizer que existe unidade dialética dos dois contrários:

de um lado, unidade, identidade e univocidade ontológicas;
de outro lado, analogia e diferenciação.

7. AUTO-ORGANIZAÇÃO E SUBCRIAÇÃO

No Entendimento e pela Potência de Deus, os possíveis, que são essências individuais, se auto-organizam eternamente. Esta auto-organização é, ao mesmo tempo, eterna e **originária**. Como em todo pensamento clássico, a ordem está sempre presente e não surge de uma desordem. Ao contrário do **novo paradigma** do último terço do século XX, no pensamento clássico, a dialética **desordem/ordem** é reprimida: a ordem não é um resultado, é originária. É assim que, para Leibniz, os impossíveis não se dilaceram e se ordenam em níveis diferentes. Sua luta em vista do existir é ideal. Toda desordem é impossível e só há ordem: de um lado, a ordem interna do Entendimento divino, isto é, a ordem da auto-organização/possibilitação e ordenação dos mundos possíveis; de outro lado, a ordem **intramundana** de cada um dos mundos possíveis e notadamente do mundo existencializado. Nessas ordens intramundanas,

por exemplo, na ordem constitutiva de nosso mundo, as desordens relativas são só aparentes e servem para **fazer-valer** a ordem que contribuem para formar.

A evicção de toda desordem requereu, em Leibniz, a eternização da ordem e do possibilismo. Ora, a eternização dos possíveis implica sua **incriação** e, em conseqüência, desvaloriza o conceito de criação **ex nihilo**. O Deus leibniziano não é criador, no sentido do cristianismo. O mundo do qual Ele decide a existência deve ser dito atualizado ou existencializado, mais do que criado. Esse mundo pré-subsistia enquanto possível, eterno e incriado. A criação reduz-se a uma passagem, certamente capital e decisiva, da possibilidade à existência. Mas esta é somente uma **hipocriação** ou **subcriação**. No mito final da **Teodicéia**, a deusa Palas, filha de Júpiter, confia a Teodoro: "O senhor vê que meu pai não fez Sextus mau; ele o era desde toda a eternidade, o era sempre livremente; meu pai **apenas** deu-lhe a existência, que sua sabedoria não podia recusar ao mundo no qual Sextus está compreendido: meu pai o fez passar da região dos possíveis à dos seres atuais"¹.

8. AUTOPOSSIBILITAÇÃO EM E POR DEUS

Assim, Sextus é que se tornou mau por conta própria, ou antes quem, eternamente, torna mau a si mesmo. O indivíduo não está de modo algum predelineado, predestinado sem seu consentimento original/intemporal. As críticas dirigidas, notadamente após Kant, ao pretendido fatalismo leibniziano, não levam em conta o autoposicionamento do indivíduo.

Enquanto que as outras substâncias se auto-organizam principalmente registrando a pressão do contexto mundano, a expressão nos espíritos é menos passiva, porque os espíritos são livres e inteligentes e sua atividade e distinção mais ou menos afirmadas marcam, em troca, seu mundo.

Em 1679, Leibniz considerava ainda que a idéia do pecado de Judas não tinha nascido de Judas; seria, antes, o fato de que Judas pecaria que decorreria infalivelmente da idéia de Judas². Leibniz conservará esta concepção, que faz depender o curso da vida de tal indivíduo existente, da noção desse indivíduo; mas acrescentará que esta noção mesma é eternamente constituída pela autopossibilitação do indivíduo. Desde a época do **Discurso de Metafísica**, Leibniz chegou a salvaguardar, pela e para a eternidade, a liberdade de todo homem. Todos os espíritos impõem-se livremente em Deus, que os classifica e escolhe o melhor mundo. Para salvaguardar a individualidade e a liberdade, Leibniz deve

reconhecê-las como intemporais. Contudo, a auto-afirmação das essências implica uma certa receptividade do Entendimento divino. Este depende, de algum modo, da autossussibilização n'Ele dos espíritos que também d'Ele dependem e que de todo modo só sussistem por Ele. Donde uma dialetização entre Deus e seus reflexos ou diminutivos, dialetização que se acrescenta a dialética de interexpressão e das interações ideais.

9. NEM TUDO É PARA O MELHOR

Convém fazer uma outra observação. Quando Voltaire, no primeiro capítulo do **Cândido**, diz que "tudo é para o melhor", caricaturiza o leibnizianismo, o que é normal num conto. Para Leibniz, nem tudo é para o melhor, no melhor dos mundos possíveis. Falta muito para tanto, infelizmente! É que o todo é para o melhor, mas nem todas as coisas nessa totalidade o são também. Toda coisa, considerada em si mesma, à parte, não existe forçosamente para o melhor, mas é melhorável. Que nosso mundo seja o melhor dos mundos possíveis, não implica de modo algum que cada noção, cada acontecimento, sejam em si mesmos os melhores, que a baronesa seja a melhor das baronessas possíveis, que o castelo seja o melhor dos castelos possíveis etc.

10. VARIAÇÕES POSSÍVEIS SOBRE O POSSIBILISMO PÓS-LEIBNIZIANO

Muitos pensadores contemporâneos escrevem sobre o possível, a propósito da criação humana do futuro, sem recurso a uma mediação divina. Mas não pretendemos aqui passar em revista os possíveis. Contudo, tiramos do esquecimento a reflexão irônica e o sonho compensatório de um revolucionário aprisionado — que não pode sequer participar do fracasso da Comuna! Auguste Blanqui retoma, um pouco antes de Nietzsche, o tema grego do eterno retorno, evasão que faz decrescer as perspectivas possíveis!

"Não há nenhum astro que não seja um **tipo** repetido ao infinito, no tempo e no espaço [...] Nossa terra, como os outros corpos celestes, é a **repetição** de uma combinação **primordial** que se reproduz sempre idêntica a si mesma e que existe simultaneamente em milhares de exemplares idênticos"³.

Diversamente do monadologismo, Blanqui não admite por princípio os indiscerníveis e limita o número das variantes; é o número dos

sistemas cósmicos que é infinito. Diante das injustiças e infelicidades da realidade sócio-histórica, o possibilismo infinitista oferece um refúgio à imaginação. "Não é necessário constranger-se com o infinito, ele é rico. Por insaciáveis que possamos ser, o infinito possui mais que todas as solicitações, mais que todos os sonhos..."². Tal observação irônica poderia se aplicar não somente ao infinitismo leibniziano dos possíveis e compostíveis, mas também àquele que é sua transposição idealista e teísta, a saber, o infinitismo do materialismo atomista antigo.

Exatamente como Leibniz, Blanqui põe esta consolação e **com-pensa**: "Tudo o que se poderia ser aqui, é-se em qualquer parte"⁴ diz, velando algum pessimismo. O **otimalismo** leibniziano não oculta uma presença inexpugnável de males, aquela que desencoraja toda empresa de transformação? Os bens particulares possíveis apagam-se diante de um todo postulado ao mesmo tempo como real e como o melhor, como realidade ideal.

Uma outra maneira, bastante diferente, de retomar os mundos possíveis é dirigir-se aos epistemólogos e lógicos como Jaako Hintikka e Saul Kripke. Neste último, o conceito de **designador rígido** poderia receber uma significação metafísica leibniziana. Um nome é designador rígido em todo o universo quando indica sempre um mesmo objeto; assim, o Sextus da **Teodicéia**. Willard Van Orman Quine parece ter procurado pensar fisicamente um universo possível. Para Hintikka, "um universo possível é representado por uma coleção de proposições que nele são verdadeiras e portanto o descrevem: são as proposições cuja realização equivaleria a uma certa conjuntura"⁶.

Preferimos concluir com uma possibilitação entendida como utopia concreta, como apelo ético-axiológico a transformar nosso mundo em mundo melhor.

NOTAS:

(1) LEIBNIZ. **Ensaio de Teodicéia**, III, & 416 (O grifo é de Jean-Marc Gabaude).

(2) *Conversatio cum Domino Stenonio de Libertate*, 27 de novembro de 1677, Textos inéditos estabelecidos a partir dos manuscritos da Biblioteca da província de Hanover, publicados e anotados por Gaston Grue, Paris, P.U.F., 1948, t. I, p. 270.

(3) Auguste Blanqui. **A eternidade pelos astros, hipótese astronômica**, 1872, reed., Paris, Ed. de la Tête de Feuilles, 1972, p. 159.

(4) *Ibid.*, p. 157.

(5) *Ibid.*, p. 167.

(6) Jean Largeault. **Quine. Questões de palavras, Questões de fato**. Toulouse, Privat, 1980, p. 148.